

# APRESENTAÇÃO

## Poesia e pensatividade: o poema filosofante

Celia Pedrosa<sup>a</sup> 

Patricia Lavelle<sup>b</sup> 

Desde os seus primórdios, a filosofia, reiterando e desdobrando o movimento com que se definia a si própria, tematizou a poesia e o poético, interrogando-se sobre sua essência. No diálogo que opõe Sócrates ao rapsodo Íon, Platão sugeria como resposta uma origem divina para a criação poética, insistindo numa compreensão da inspiração ou do entusiasmo que negava ao poeta qualquer conhecimento ou a capacidade de pensar o real. Inspirado pelas Musas, ele literalmente não saberia sobre o que falava nem como o fazia, embora a verdade se revelasse por meio de seus cantos. No século XX, Heidegger também situava o poético num plano não cognitivo, o da ontologia fundamental. Em seus ensaios dos anos 1930, é o ser da linguagem – como outrora o divino – que nos fala na poesia inspirada. De acordo com a crítica de Adorno no ensaio *Parataxe*<sup>1</sup>, ele projeta, assim, sua própria filosofia no poeta que privilegia, Hölderlin, sem levar em consideração o diálogo efetivo deste autor com as correntes filosóficas idealistas de seu próprio tempo.

<sup>1</sup>In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Tradução de Celeste Aída Galeão e Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

<sup>a</sup>Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil.

E-mail: [artecelia@gmail.com](mailto:artecelia@gmail.com)

<sup>b</sup>Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: [patricia.g.lavelle@gmail.com](mailto:patricia.g.lavelle@gmail.com)

### Como citar/How to cite:

PEDROSA, C.; LAVELLE, P. Poesia e pensatividade: o poema filosofante. *Gragoatá*, Niterói, v.27, n.57, p. 5-15, 2022. <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v27i57.52893>>

Contra-pondo-se a esse esquema de pensamento que Heidegger também põe em prática na interpretação dos pensadores pré-socráticos, os trabalhos de Barbara Cassin sobre o poema de Parmênides, sobre Homero e sobre a sofística sugerem outras tradições, mais porosas, para discutirmos a relação entre poesia e filosofia. Atendo-se às passagens e aos empréstimos recíprocos entre textos concretos, suas pesquisas, discutidas na entrevista que abre este dossiê, apontam tanto para o uso de materiais poéticos no interior do trabalho de conceituação filosófica quanto para a pluralidade de instigações e investigações teórico-conceituais contidas nos poemas. Numa perspectiva próxima, o artigo “Historia de un amor imposible. Escenas filosóficas del régimen poético”, de Matias Moscardi, focaliza o que chama, a partir de Jacques Rancière, de “cenas do regime poético”, para refletir sobre o valor cronotópico que, desde o pensamento platônico, assumem as reflexões sobre poesia, a qual desempenharia em relação à filosofia a função simbólica de origem e de finalidade, assim como de limite definidor de sua forma. Tais relações são aí vistas também como signo de um inequívoco laço que desconstrói a tradicional hierarquia entre esses dois tipos de discurso.

Numa releitura da tradição filosófica, podemos evocar algumas reflexões instigantes sobre as passagens e hibridações entre os dois registros discursivos, como aquelas que encontramos na lógica da imaginação de Vico, na metacrítica de Hamann, na apresentação simbólica das ideias, tal como Kant a pensa na *Crítica da faculdade do juízo*, em certas formulações românticas sobre o estilo filosófico e a crítica literária, ou ainda nas formulações de Nietzsche sobre a metáfora, no ensaio inacabado “Sobre verdade e a mentira no sentido extra moral”. Mas com poucas exceções, os questionamentos filosóficos sobre as interfaces entre os registros teórico e poético tiveram uma recepção restrita e relativamente marginal na história da filosofia. No entanto, ao longo do século XX, e até hoje, é inegável que as tentativas filosóficas de pensar as relações entre poesia e filosofia, perquirindo a materialidade mesma de suas próprias verdades, vistas como efeito de procedimentos discursivos diversos e frequentemente imprevistos, têm se multiplicado e intensificado.

Nesta direção reencontramos o pensamento de Jacques Rancière, resgatando positivamente o valor impróprio atribuído

desde Platão ao lirismo em função de uma oposição insuperável entre expressão do eu e representação épica ou dramática. Rancière propõe-se justamente a pensar a partir do vazio representativo do Eu e entender num primeiro momento o poético como meio de investimento subjetivo e transporte rumo ao Outro, focalizando, como em “Transportes da liberdade” e outros ensaios do livro *Políticas da escrita*<sup>2</sup>, diferentes modos de sua realização em poéticas do século XX.

<sup>2</sup>Tradução de Raquel Ramalhete e Lígia Vassalo. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

Mas já em 1925, no prefácio ao seu livro sobre o drama barroco, Walter Benjamin apresentava o ensaio sobre obras poéticas como gênero privilegiado de exposição filosófica. Afirmava então que é “próprio da escrita filosófica o ter de confrontar-se a cada vez com a questão da apresentação”, o que implicaria, segundo ele, a historicidade das doutrinas filosóficas em suas diversas formas de apresentação atravessadas não apenas por construções conceituais, mas também por constelações simbólicas ou “imagens dialéticas”, na terminologia de sua teoria construtiva da história. Não por acaso, seu pensamento tem sido recebido também na produção poética. No artigo “Constelações da barbárie: história e memória na poesia de Paul Celan”, Jorge Benedito de Freitas Teodoro discute sua presença na obra do autor romeno, nela enfatizando o modo como a experiência do pensamento, encenada através do uso da imagem, possibilita a recuperação crítica da experiência vivida.

Bem mais recentemente, Hans Blumenberg também se confrontou à materialidade textual e à historicidade da própria tradição filosófica, apontando sua “poética imanente”<sup>3</sup>. Propôs, assim, o estudo histórico das metáforas filosóficas, partindo da hipótese de que elas não apenas antecipam formulações conceituais posteriores, mas em muitos casos não são transponíveis em conceitos, ocupando posições fundamentais no interior das argumentações filosóficas, por mais sistemáticas que estas sejam. É em sua obra que encontramos a noção de “pensatividade”, ou *Nachdenklichkeit*, compreendida como um pensar sem objetivo predeterminado, um estado disperso do pensamento que nasce da hesitação diante de certas escolhas de sentido, objeto ou ação. Espaço de jogo, a pensatividade remete, segundo Blumenberg, à origem do pensamento argumentativo da filosofia no mundo da vida, onde encontra seu parentesco com a poesia<sup>4</sup>. Embora o pensador não o cite,

<sup>3</sup>H. Blumenberg. “Sprachsituation und immanente Poetik”, in: *Wirklichkeiten in denen wir leben*. Stuttgart: Reclam, 1999.

<sup>4</sup>Cf. H. Blumenberg, "Nachdenklichkeit" <https://www.deutscheakademie.de/de/auszeichnungen/sigmund-freud-preis/hans-blumenberg/dankrede>

<sup>5</sup>A tradução é de Guilherme Gontijo Flores em Safo. *Fragments completos*. São Paulo: Editora 34, 2017.

podemos aproximar sua hipótese do conhecido fragmento de Safo: "Eu hesito pois sinto um duplo pensar em mim"<sup>5</sup>.

Os estudos ditos metaforológicos de Blumenberg, ainda infelizmente pouco recebidos no Brasil, são contemporâneos dos importantes trabalhos de Paul Ricoeur sobre metáfora e narrativa e do projeto da desconstrução em Derrida, com o qual tem muitos pontos de convergência. Derrida também tematizou, por outro ângulo, a dimensão metafórica dos conceitos teóricos, além de ter procurado dialogar com a obra de diversos poetas. Em "Perdoar, a propósito de Derrida", Marcos Siscar discute como a questão clássica da hierarquia entre os gêneros é problematizada e recolocada no pensamento de Derrida, tendo em vista os diferentes modos pelos quais filosofia e poesia respondem à demanda de *desconstrução*. Apresentando-se como poeta e leitor de longa data de Derrida, Siscar mostra como o filósofo franco-marroquino borra fronteiras entre os registros discursivos em sua própria escrita e busca o diálogo com a materialidade do poema. Mas seu ensaio também critica a abordagem derridiana, exclusivamente centrada no próprio texto poético, o que denotaria uma certa idealização de sua verdade em detrimento da coerência intelectual do pensamento contido numa obra, entendida num sentido expandido que inclui a cena discursiva na qual esta se insere.

A produção poética contemporânea, em especial, tem insistido numa relação com o pensamento reflexivo de diferentes modos: seja por citações diretas ou indiretas de obras ou textos filosóficos, seja pela mobilização de questionamentos éticos, políticos ou estéticos no interior da composição de poemas, ou ainda pela hibridação estilística destes com o gênero ensaístico. Visamos, assim, ao exercício de uma perspectiva crítica que parte da materialidade enigmática dos poemas ou faz dela seu ponto de chegada, evitando a diluição do filosófico e do poético numa interpenetração generalizante que deixa de lado tanto o reflexivo e o imaginário, quanto seus procedimentos específicos de hibridização.

É interessante, por exemplo, observar o impacto efetivo, sobre poetas contemporâneos, em particular de língua inglesa, da posição filosófica desenvolvida por Ludwig Wittgenstein, que desqualifica o interesse por uma essencialidade poética e se interessa pelo estudo ao mesmo tempo ético e lógico da linguagem, compreendida como conjunto de proposições cuja

articulação seria homóloga à articulação contextualizante das coisas do mundo. A partir dessa perspectiva, torna-se defasada a tradicional hierarquia entre significado denotativo e significado conotativo de palavras ou expressões, abrindo-se caminho para o reconhecimento e a valorização de procedimentos literais, coloquiais e não-originais da prática literária, que alimentam importantes tendências do século XX.

Em “Context is all: the language games of Charles Bernstein”, Marjorie Perloff confronta os usos poéticos e analíticos da linguagem segundo Wittgenstein e o trabalho do poeta americano fundador e teórico do movimento automeado “Language Poetry”. Na leitura cerrada de um de seus poemas, a ensaísta nos mostra como é possível relativizar padrões de compreensão e mesmo de gosto se, com base nos pressupostos do filósofo britânico, abandonamos a distinção entre linguagem comum e linguagem elevada, aprendendo a perseguir significados em seus usos e jogos contextuais, comuns e concretos. Na poesia brasileira contemporânea, a obra de Paulo Henriques Britto também apresenta vestígios da leitura intensa de Wittgenstein, entre outros pensadores, como indica a leitura que Filipe Manzoni desenvolve no artigo “Este poema ainda não é para você – sobre Paulo Henriques Britto”, focalizando a relação entre usos dêiticos e desestabilização da referencialidade, associando-os ao uso recorrente em seus poemas da primeira pessoa e da reflexão metapoética. A leitura concentrada em um único verso do poeta servirá para o movimento inverso de pensar, com base no poema, a filosofia da linguagem que, segundo ele, lhe serve de fundamento.

Paula Glenadel trata da pensatividade poética em sua relação com a imagem visual numa perspectiva comparativa no artigo “Paradoxos e promessas da natureza-morta em poesia: notas de leitura sobre a poeta brasileira Lu Menezes e a francesa Suzanne Doppelt”, autoras em cujo trabalho é já bastante reconhecida a importância das relações entre o verbal e o visual e, mais especificamente, entre poesia e pintura, na primeira, e fotografia, na segunda. Aqui, focaliza-se um gênero pictórico específico, a “natureza-morta” e o modo como os poemas encenam uma filosofia da imagem ambivalente, que investe na tensão entre valor representativo e valor plástico. “Música e poesia pura: o fim de um paradigma”, de William Marx<sup>6</sup>, por outro lado, tematiza a relação entre

<sup>6</sup>Esse artigo foi originalmente publicado em francês na revista *Poétique* (Seuil, setembro de 2002) e traduzido para o português por Rita Lóiola.

poesia e música, recuperando a discussão teórica e poética que envolveu o abade Henri Bremond, membro da Academia Francesa, e o escritor Paul Valéry, conhecida como “a querela da poesia pura”. Tal episódio, considerado sintomático das crises e transformações da poesia francesa moderna, serve de motivação para avaliar desde então a importância da relação entre som e sentido, símbolo e pensamento, ao mesmo tempo enfocando e problematizando a materialidade da linguagem.

“Em arte a realidade verdadeiramente possível é a que nós inventamos”. Essa epígrafe, tomada de empréstimo à poeta portuguesa Ana Hatherly, faz ressoar as reflexões anteriores sobre imagem, imaginação e representação, servindo de abertura ao artigo de Edimilson Almeida Pereira, cujo título se constitui novamente desse modo, ao mesmo tempo verbal e visual: “A realidade – teia para o pensamento”. Nele, o autor retoma a questão sempre complexa das relações entre realidade social e linguagem poética, na qual tenta identificar reflexividade e relativa autonomia, focalizando poetas de diferentes estilos e épocas e enfrentando os efeitos suscitados pela aceleração de experiências e informações na vida digital contemporânea.

Para encaminhar essa questão, Edimilson tece ele próprio uma teia singular de vínculos entre o ensaísmo de Octavio Paz e a poesia de Sebastião Uchoa Leite, reinvestindo na força de um pensamento afro-diaspórico como o de Édouard Glissant. Uma bem tramada diversidade de tradições também sustenta o artigo “Poesia e pensamento em Herberto Helder: o saber extremo irreduzível de um discurso sem palavras”, de Erick Costa. Nele se focaliza a aproximação e o distanciamento entre poesia e filosofia, por meio da análise da encenação da relação entre corpo, pensamento e linguagem e sua singularização metafórica e rítmica, entre verdade e vertigem, aproximando para tanto reflexões de fundamentos espacial e temporalmente tão distintos como a do italiano Giorgio Agamben e a do alemão Eugen Harrigel, dedicado aos estudos do *koan* nipônico, e o ensaísmo dos portugueses José Gil e Silvina Rodrigues Lopes.

Também movido por provocações bem diferentes, em “O poema-pensamento em Roberto Juarroz”, Gustavo de Castro, analisa a interação entre palavra, silêncio e verticalidade nos “Fragmentos verticales” do poeta argentino, a partir de sua

compreensão tanto existencial quanto ética da poesia como “modo de vida” e “modo de ser” apoiada numa aproximação de Heidegger e Wittgenstein. Tal relação é focalizada também no modo de construção aforismática de seus textos, que solicitam do autor a construção de relações entre Rainer Maria Rilke e Gaston Bachelard.

Já em “Amor filosófico, amor poético: conformações do pensamento em António Franco Alexandre”, Ana Cristina Joaquim, articulando discursos de diferentes ordens e procedências, faz dialogarem o livro de poemas *Duende*, do poeta português, publicado em 2002, e a conferência *Teoría y juego del duende*, de Federico García Lorca, de 1933. Relacionando o amor ao pensamento e o pensamento sobre o amor, a autora desestabiliza a fronteira entre práticas discursivas da poesia e da filosofia, enfatizando em ambas o jogo entre repetição e diferença, identidade e alteridade, entre impessoalidade e biografismo, fazendo para isso relação entre diferentes tradições de pensamento – Parmênides e Heráclito, Nietzsche, Deleuze e Derrida.

Por sua vez, no artigo “A voz oracular de Francisco Carvalho”, Renato Suttana aborda a poesia produzida pelo poeta brasileiro ao longo de seis décadas, perguntando-se sobre os motivos de sua reduzida recepção crítica, e visando nela a identificar a confluência de tradição moderna e modernista e ecos do classicismo português. Nessa confluência, analisa a relação entre experiência vivida e uma elaboração mítica e imaginária que exerce sobre ela efeito expansivo, atribuindo-lhe também uma feição profética ou oracular que faz do pensamento e do sentido movimentos de abertura e interrogação, seguindo o influxo da reflexão de Maurice Blanchot.

Também buscando abrir espaços no cânone crítico, no texto “A paisagem como fonte ou veículo para o pensamento na poesia de Cecília Meireles”, de Wesley Thales de Almeida Rocha, a relação entre poesia e pensamento é desenvolvida por meio do enfoque de figurações da natureza que motivam a perquirição metafísica e metapoética. Desse modo, pretende ampliar o alcance do vínculo entre poesia e lirismo, entre percepção, expressão afetiva e reflexão, mostrando a transformação da experiência sensível em constelação simbólica de significados. O interesse pela noção de paisagem e

por imagens da natureza o aproxima do artigo “Hilda Machado e a poesia em movimentos nublados”, de Alessandra Maia Terra de Faria, que parte da análise de um poema específico, “Cabo Frio”, do livro póstumo da poeta, intitulado *Nuvens*, para buscar, na relação entre imagens da paisagem natural e cultural, o valor subjetivante da fluidez e da espacialização. Com base no título do livro, Alessandra elabora vínculos entre o poema e a tradição grega de filosofia e teatro, focalizando o diálogo socrático, o mito de Orfeu e a produção dramática de Eurípides e Aristófanes, em que ressalta a autoria de comédia com o mesmo nome do livro de Hilda e enfatiza seus vínculos com o lugar da mulher na Antiguidade e na contemporaneidade.

O tema da paisagem permite-nos chegar ao pensamento de Jean-Luc Nancy. Sem marcar uma ruptura total com a tradição da ontologia, ele investe, por exemplo, na reflexão sobre a diversidade e a comunidade das formas de arte entre as quais insere a poesia, como em *Las musas*<sup>7</sup> ou sobre a constituição diferencial da imagem-paisagem, relacionando-a a uma compreensão histórico-política derivada do próprio enraizamento etimológico do termo “paysage” e suas relações com *pays* e *paysan*, como em *Au fond des images*<sup>8</sup>. Ao afirmar que “A poesia é, por essência, mais e outra coisa que a própria poesia”, como em “Fazer, a poesia”<sup>9</sup>, ele convida o leitor a pensar no produtivo paradoxo que faz dessa essência ou propriedade um sinônimo de abertura ao que lhe é justamente impróprio, e a relativizar uma identidade transcendente atribuível ao poético.

Esse número da revista *Gragoatá* procura, assim, não apenas atualizar as aproximações e tensões entre filosofia e poesia através de seus diversos pontos de vista, mas também solicita em particular a interrogação sobre os usos que os próprios poemas fazem da tradição de discursos, conceitos, noções e imagens filosóficas. Nessa perspectiva, a escrita ensaística da filósofa Maria Filomena Molder sintetiza bem a produtividade deste diálogo ao trabalhar com motivos que articulam textos teóricos e literários de diferentes épocas e tradições culturais.

<sup>7</sup> Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

<sup>8</sup> NANCY, Jean-Luc. *Au fond des images*. Paris: Galilée, 2003.

<sup>9</sup> NANCY, Jean-Luc. *Fazer, a poesia*. Tradução de Leticia Della Giacoma de França, Janaina Ravagnono e Maurício Mendonça Cardozo. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 414-422, jul-dez 2013..

## Referências

ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Tradução de Celeste Aída Galeão e Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

BLUMENBERG, H. “Nachdenklichkeit” <https://www.deutscheakademie.de/de/auszeichnungen/sigmund-freud-preis/hans-blumenberg/dankrede>

NANCY, Jean-Luc. *Au fond des images*. Paris: Galilée, 2003.

NANCY, Jean-Luc. *Las musas*. Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

NANCY, Jean-Luc. Fazer, a poesia. Tradução de Leticia Della Giacoma de França, Janaina Ravagnono e Maurício Mendonça Cardozo. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 414-422, jul-dez 2013.

Safo. *Fragmentos completos*. Trad. Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: Editora 34, 2017.

**Celia Pedrosa** possui mestrado (1977) e doutorado (1988) em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde também lecionou Literatura Brasileira e Teoria da Literatura de 1977 a 1988. Desde 1988 leciona em regime de DE na Universidade Federal Fluminense, onde exerceu as funções de chefe e subchefe do Departamento de Ciências da Linguagem e de coordenadora e vice-coordenadora do Programa de PG em Letras, sendo hoje Professor Associado IV. Desenvolveu pesquisa sobre teoria e crítica literárias modernas e contemporâneas, tendo sobre o tema o livro *Antonio Candido: a palavra empenhada*, publicado pela EdUSP/EdUFF, e outros ensaios no Brasil e no exterior. Atualmente dedica-se ao estudo de poesia contemporânea, tema em torno do qual desenvolveu estágio de pós-doutoramento na Universidade do Porto (Portugal), além de ter publicado inúmeros ensaios, uma coletânea de ensaios, *Poesia e contemporaneidade*, e organizado sete livros coletivos - *Poesia hoje* (com os prof. Cláudia Matos e Evando Nascimento), *Mais poesia hoje*, *Poesia e contemporaneidade* e *Poéticas do olhar* e outras leituras de poesia (os dois últimos com a prof. Maria Lucia Barros Camargo), e *Subjetividades em devir*. Estudos de poesia moderna e contemporânea, *Sobre poesia: outras vozes e Crítica de poesia. Tendências e questões: Brasil-Portugal*, com a professora Ida Alves. Coordena desde 2002 o grupo de pesquisa UFF/CNPq *Poesia e contemporaneidade*, com a prof. Ida Alves. De 2005 a 2008, coordenou o convênio internacional CAPES-FCT com o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto, integrando professores e alunos de IC, Mestrado, Doutorado e pesquisadores de Pós-Doutorado em torno do estudo comparativo de poesia contemporânea brasileira e portuguesa. Integra ainda o grupo internacional de pesquisa LYRA - *Compoetics*, formado em 2008, a partir do trabalho nesse convênio, junto a prof. das Universidades do Porto, Salamanca, Utrecht, Sorbonne, Florença, Brown, UFF, UNIFESP e UFRJ. Desde 2003, desenvolve trabalho comparativo sobre poesia contemporânea também com professores e alunos das

Universidades de Buenos Aires e San Andrés, na Argentina. Com professores desta última, da Universidade de Rosário, da UFMG e da PUC-RJ trabalhou de 2009 a 2011 em projeto de organização de REDE Internacional de pesquisa e ensino em Literatura Brasileira e Comparada. Desde 2009, coordena, junto com a professora Diana Klinger, oriunda dessa equipe argentina, e agora também da UFF, o grupo de pesquisa “Pensamento teórico-crítico sobre o contemporâneo”, que busca dar desdobramento a essas relações. Entre 2013 e 2015 desenvolveu novo projeto de pesquisa, mediante convênio Capes, agora com a Universidade Nova de Lisboa, sobre crítica contemporânea de poesia no Brasil e em Portugal. Em 2014 coordena, pela UFF, convênio CAPES-Mincyt com a Universidade Tres de Febrero (Buenos Aires -Argentina), representada pelo professor Daniel Link. Tem atuado como consultora *ad hoc* da FAPERJ, da CAPES e do CNPq – do qual é bolsista de produtividade desde 1989, hoje de nível I-B – e de vários periódicos universitários.

**Patricia Lavelle** professora adjunta do Departamento de Letras da PUC-Rio, atua no Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. Tem doutorado em Filosofia pela École de Hautes Études en Sciences Sociales de Paris (EHESS-Paris) e mestrado em História pela PUC-Rio. É pesquisadora associada ao Centre Georg Simmel (EHESS-Paris) e lecionou como professora convidada na École Normale Supérieure de Paris (ENS-Paris) e na EHESS-Paris. Tem livros publicados e organizados no Brasil e na França. Principais publicações: *O Espelho distorcido*. Imagens do indivíduo no Brasil oitocentista (Editora UFMG, 2003), *Religion et histoire: sur le concept d’expérience chez Walter Benjamin* (Cerf, 2008), *Cahier Walter Benjamin* (organizadora, L’Herne, 2013), *A arte de contar histórias* (organizadora e tradutora, Hedra, 2018). Como poeta, publicou *Bye bye Babel* (7Letras, 2018, primeira menção no Prêmio Cidade de Belo Horizonte de 2016) e co-organizou *O Nervo do poema*. Antologia para Orides Fontela (Relicário, 2018) em colaboração com Paulo Henriques Britto.